



## TECENDO CONEXÕES SUSTENTÁVEIS: A IMPORTÂNCIA DO ENSINO DA HISTÓRIA AMBIENTAL NA EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA

## WEAVING SUSTAINABLE CONNECTIONS: THE SIGNIFICANCE OF TEACHING ENVIRONMENTAL HISTORY IN CONTEMPORARY EDUCATION

Nathália Moro<sup>1</sup>  
Anelisa Mota Gregoleti<sup>2</sup>  
Christian Fausto Moraes dos Santos<sup>3</sup>

### RESUMO

Este artigo explora a interseção, muitas vezes negligenciada, entre a História e o meio ambiente, desafiando a abordagem histórica convencional. A História Ambiental busca redefinir essa perspectiva, promovendo uma análise não apenas dos aspectos políticos, econômicos e sociais, mas também das dimensões ambientais na história de uma população. O objetivo central é fomentar uma abordagem interdisciplinar, transcendendo a compartimentalização tradicional de disciplinas como Humanidades, Ciências e Biologia, incentivando a reflexão sobre a integração de temas históricos e biológicos. Ao reconhecer os desafios da educação ambiental, argumenta-se que a História Ambiental pode contribuir de maneira significativa para o ensino, utilizando exemplos concretos para ilustrar a interconexão das ações humanas com o meio ambiente. Esta abordagem facilita a compreensão da importância do papel do aluno na Terra. O estudo propõe analisar como a incorporação da História Ambiental na educação pode aprimorar a conscientização ambiental, utilizando situações históricas como base. Em última análise, o artigo busca provocar reflexões sobre o presente e o relacionamento da sociedade contemporânea com o meio ambiente, enfatizando a necessidade de uma abordagem mais integrada e consciente.

**Palavras-chave:** história ambiental; ensino; educação ambiental.

<sup>1</sup>Doutoranda em História. Universidade Estadual de Maringá. Paraná. Brasil. E-mail: nathaliamor@hotmai.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5944-3151>

<sup>2</sup>Doutoranda em História. Universidade Estadual de Maringá. Paraná. Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1541-5423>

<sup>3</sup>Pós-Doutor em História das Ciências. Professor associado do Departamento de História da Universidade Estadual de Maringá. Paraná. Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7537-4547>

## ABSTRACT

This article explores the often overlooked intersection between History and the environment, challenging the conventional historical approach. Environmental History seeks to redefine this perspective by promoting an analysis not only of political, economic, and social aspects but also of the environmental dimensions in the history of a population. The central objective is to foster an interdisciplinary approach, transcending the traditional compartmentalization of disciplines such as Humanities, Sciences, and Biology, encouraging reflection on the integration of historical and biological themes. Acknowledging the challenges of environmental education, it is argued that Environmental History can significantly contribute to teaching by using concrete examples to illustrate the interconnection of human actions with the environment. This approach facilitates understanding the importance of the student's role on Earth. The study aims to analyze how the incorporation of Environmental History in education can enhance environmental awareness, using historical situations as a basis. Ultimately, the article seeks to provoke reflections on the present and the relationship of contemporary society with the environment, emphasizing the need for a more integrated and conscious approach.

**Keywords:** environmental history; teaching; environmental education.

**Resumo Expandido recebido em:** 16/01/2024

**Resumo Expandido aprovado em:** 27/11/2024

**Resumo Expandido publicado em:** 19/03/2025

Doi: <https://doi.org/10.24302/redes.v2ianais.5161>

## 1 INTRODUÇÃO

Ao longo da História, as ações humanas tiveram impactos ambientais, resultando em mudanças irreversíveis, como a extinção de espécies. Mesmo com registros de preocupações ambientais desde o século XVIII, estas refletiam predominantemente interesses econômicos. Os colonizadores portugueses, por exemplo, expressavam preocupação com a diminuição de espécies, associada às perdas econômicas coloniais. Assim, a trajetória da História Ambiental, compreendida pelas relações históricas entre humanos e natureza, evidencia o debate ambiental como fruto das interações entre processos artificial/cultural e natural (Silva; Schramm, 1997, p. 356).

A ideia de preservação ambiental começou a ganhar seus primeiros contornos somente no fim do século XIX, quando reflexões sobre o uso da natureza surgiram em países europeus e nos Estados Unidos. No entanto, iniciativas pioneiras, como o

Congresso Internacional para a Proteção da Natureza de 1909 e a Comissão Consultiva para a Proteção Internacional da Natureza de 1913, foram interrompidas pelas Guerras Mundiais (Almeida, 2016, p. 104). Assim, a História Ambiental começou a ser efetivamente considerada apenas na década de 1970, por meio de conferências que abordaram a crise global e o crescimento dos movimentos ambientalistas em várias nações (Worster, 1991, p. 199). Hoje, esse campo abrange uma ampla variedade de pesquisas, explorando diferentes realidades, como ambientes florestais, rurais, urbanos e industriais, enquanto dialoga com aspectos econômicos, políticos, sociais e culturais (Pádua, 2010).

Em resumo, a construção da História Ambiental e a concepção contemporânea de preservação da natureza resultam de um processo histórico moldado pelos objetivos e compromissos políticos de sua época. Este campo, assim como outras narrativas acadêmicas, reflete o *zeitgeist* e surge em meio a uma crescente preocupação global com o meio ambiente na Era Pós-Moderna (Ferri, 2017). Apesar de ser anacrônico atribuir as preocupações contemporâneas às gerações passadas, é possível analisar toda a História humana para compreender como as relações entre o homem e o ambiente evoluíram ao longo do tempo.

Esta pesquisa tem como objetivo analisar a trajetória histórica das interações entre o ser humano e o meio ambiente, enfocando a evolução das preocupações ambientais ao longo do tempo. Pretendemos compreender como essas interações moldaram percepções e práticas em relação ao meio ambiente, investigando o surgimento da História Ambiental como campo acadêmico e examinando seus marcos históricos. Ao destacar a complexidade das relações entre homem e ambiente, exploraremos o papel fundamental do ensino da História Ambiental na construção da educação ambiental e na conscientização sobre a importância da preservação ambiental entre os alunos.

## 2 MATERIAIS E MÉTODOS

A elaboração deste artigo envolveu a aplicação de métodos específicos para analisar fontes históricas e integrar referências bibliográficas relevantes. Para conduzir a análise de fontes históricas, foram utilizados documentos e registros do

passado que oferecem *insights* sobre a relação entre o ser humano e o meio ambiente ao longo do tempo. Essa abordagem permitiu uma compreensão mais aprofundada das perspectivas históricas sobre questões ambientais.

Quanto às referências bibliográficas, foram consultadas obras acadêmicas, artigos científicos e livros especializados em História Ambiental, Educação Ambiental e temas correlatos. A revisão bibliográfica abrangeu uma ampla gama de publicações para sustentar teoricamente as discussões apresentadas no artigo. A seleção criteriosa dessas referências buscou garantir a fundamentação teórica e a atualização das informações apresentadas, contribuindo para a solidez do conteúdo.

Ao elaborar este artigo, incorporamos conceitos e métodos de José Augusto Drummond, historiador ambiental brasileiro contemporâneo. Drummond destaca que a maioria das pesquisas nessa área foca em regiões com homogeneidade natural, refletindo afinidade com a abordagem da História Natural. Tais estudos podem adotar recortes culturais ou políticos, sempre considerando as particularidades físicas e ecológicas da região. A interação sistemática com as Ciências Naturais é evidente, explorando as relações entre diferentes estilos civilizatórios e o uso de recursos naturais.

A História Ambiental, como disciplina interdisciplinar, valoriza diversas fontes e realiza trabalhos de campo para estudar as interações entre sociedades e ambiente. Conectando-se às Ciências Biológicas, estabelece também vínculos com a Geografia, enfatizando o conceito-chave de paisagem. Aqui, a Terra é considerada um documento histórico rico em informações. A dinâmica entre Geografia Histórica e História Ambiental é crucial para compreender a paisagem temporal e espacialmente, contribuindo para narrativas que ordenam o passado e a complexa relação entre sociedade e natureza. Em resumo, a História Ambiental representa um encontro e hibridização da História Natural com a História Humana, conforme discutido por Ferri (2017).

O método utilizado incluiu, portanto, uma análise crítica das fontes históricas para contextualizar o desenvolvimento das preocupações ambientais ao longo do tempo, ao mesmo tempo em que se baseava em referências bibliográficas consolidadas para fundamentar argumentos e conceitos apresentados. Essa

abordagem integrada buscou oferecer uma perspectiva abrangente e embasada sobre a evolução da História Ambiental e sua importância no contexto educacional.

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para entendermos por que é necessário estudar a História Ambiental, podemos começar com a frase de Clive Ponting: “A história humana não pode ser compreendida em um vácuo. Todas as sociedades humanas foram e ainda são dependentes de complexos processos físicos, químicos e biológicos, interligados” (Ponting, 1995, p. 30). Um dos problemas da História tradicional está justamente aqui. Na maioria das vezes, tratamos os seres humanos de forma individual, como se não nos relacionássemos com diversas espécies animais e vegetais ou, de uma forma geral, com o ambiente em que estamos inseridos.

A História Ambiental rejeita essa premissa convencional de que a experiência humana teria se desenvolvido sem restrições naturais, de que os humanos são uma espécie “superior” e de que podemos ignorar as consequências ecológicas e seus feitos passados, como se eles em nada contribuíssem para a História (Worster, 1991, p. 199). Os historiadores ambientais acreditam que o tempo das culturas humanas está inserido dentro de um tempo geológico ou natural muito mais amplo do que as Ciências Humanas e Sociais, geralmente, estudam.

Por essa razão, a História Ambiental, desenvolvida atualmente em países como os Estados Unidos, França e Inglaterra, é uma reação a essa pressão de ajustar “os ponteiros dos relógios” dos dois tempos: o geológico (natural) e o social. Isso significa uma grande mudança nos paradigmas das Ciências Sociais, já que o cientista passa a dar às “forças da natureza” a posição de agente que condiciona ou modifica a cultura (Drummond, 1991, p. 179-180).

O tempo da natureza é influenciado pelo tempo humano. Alguns pensadores que abordaram a perspectiva do tempo da natureza e os fatos que aconteceram nos percalços históricos, podem ser analisados com ênfase nos personagens naturais. Uma gama variada de temas pesquisados, seguindo a perspectiva de tempo cronológico e fatores humanos sociais, foram estudados e abordados, principalmente, por historiadores norte americanos e europeus. Dentre os franceses, Marc Bloch e

Fernand Braudel têm sido apontados como precursores de uma abordagem que busca compartilhar, de maneira mais íntima, espaço e tempo, visando estabelecer métodos que possibilitem um entrelaçamento entre as paisagens e os homens.

Marc Bloch, o renomado historiador francês do século XIX, transformou o Mar Mediterrâneo em personagem essencial em sua obra "O Mediterrâneo e o Mundo Mediterrâneo na Época de Felipe II". Ao explorar as paisagens e características climáticas, Bloch oferece uma visão crucial das relações de poder econômico e político no século XVI. Sua obra destaca-se ao superar análises deterministas, que vinculavam de forma inexorável o curso histórico de povos aos fatalismos ambientais. Bloch desafia a ideia de que o meio geográfico impõe limites intransponíveis, argumentando que a superação das restrições naturais foi uma parte significativa dos esforços humanos. Assim, rejeita classificações arbitrárias entre o homem e seu ambiente, como discutido por Braudel (1949).

Em continuidade à abordagem de Marc Bloch, historiadores franceses do século XX, como Emmanuel Le Roy Ladurie, exploraram temas entrelaçados, como epidemias e condições climáticas, influenciando crises econômicas. Ladurie examinou as condições meteorológicas em relação à História econômica francesa, evidenciando suas conexões com variações populacionais, migrações e seus impactos. A História Ambiental, amalgamando temas antigos e contemporâneos, aborda a evolução de epidemias e clima como partes intrínsecas do ecossistema humano. Além disso, explora calamidades naturais, a destruição da natureza pelo crescimento populacional e/ou predadores do hiperconsumo industrial, resultando em poluição e desafios urbanos durante a acelerada urbanização (Ladurie, 1973).

Historiadores de língua inglesa, como Keith Thomas, contribuíram para a abordagem ambiental. Sua obra "O homem e o mundo natural: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais" é um referencial discutido por suas análises sobre como plantas e animais foram moldados pelos desígnios humanos, focalizando a Inglaterra nos séculos XVI ao XVIII. Thomas explora como a sociedade desse período selecionava plantas e animais para alimentação, adorno e lazer, esclarecendo o surgimento das Ciências Botânicas e Zoologia. Ele associa o trabalho científico à fundamentação teológica cristã, justificando a supremacia humana sobre a natureza.

Thomas revela contradições, destacando o conflito entre novas sensibilidades ambientais e os fundamentos materiais da sociedade humana (Thomas, 1988).

No século XXI, historiadores norte-americanos, como William Cronon e Alfred Crosby, realizaram estudos interdisciplinares que integraram História, Ciências Naturais e Antropologia para compreender o ambiente natural. Cronon adotou métodos das Ciências Naturais ao comparar o uso da terra, animais e plantas por grupos indígenas e europeus, destacando a História Ambiental. Já Crosby explorou as repercussões da sociedade europeia no continente americano, especialmente pela introdução de animais e plantas domesticadas, analisando as "vantagens biológicas" desses transplantes, nem sempre adequados para regiões tropicais. Esses estudos contribuem para uma abordagem mais holística na compreensão das interações entre sociedade e meio ambiente.

No contexto das ações humanas na natureza, como o uso do fogo, o biólogo Jared Diamond explora a interseção entre História e cultura, destacando o papel cultural na alteração das paisagens naturais. Autores contemporâneos, de maneira instigante, transformam a topografia em agentes históricos, desafiando a visão centrada apenas na espécie humana. A relação entre meio ambiente e História Cultural aborda como as imagens construídas sobre a natureza são incorporadas na memória individual e coletiva. Diante das relações ecológicas atuais, essa temática destaca a importância de hábitos culturais formados ao longo dos séculos, visando uma relação sustentável com a natureza, evitando sua exaustão (Schama, 1996, p. 29).

Desde 1992, o Ministério do Meio Ambiente (MMA) e o Instituto de Estudos da Religião (ISER) realizam a pesquisa nacional "O que o brasileiro pensa do meio ambiente e do consumo sustentável?" a cada quatro anos. Os resultados revelaram que apenas 30% dos entrevistados consideram homens e mulheres parte integrante do meio ambiente, enquanto índios (25%), cidades (18%) e favelas (16%) foram menos associados. Itens como matas (73%), rios (72%), água (70%) e animais (59%) foram mais facilmente identificados. Notavelmente, 67% acreditam que "a natureza é sagrada e o homem não deve interferir nela" (Brasil. Ministério do Meio Ambiente; ISER, 2001, p. 12-16).

A partir destas informações podemos ter uma ideia de como ainda existe a noção de que os seres humanos não compõem o meio ambiente. Muito disso, deve-se ao fato da grande fragmentação entre as disciplinas escolares e a, conseqüente, dificuldade de compreender o humano enquanto parte do espaço em que vive. De acordo com Clive Ponting: “Os seres humanos também fazem parte dos ecossistemas terrestres, mesmo nem sempre estando conscientes desse fato e de suas implicações” (Ponting, 1995, p. 43).

É crucial situar o aluno não apenas temporalmente, mas também espacialmente, reconhecendo que os seres humanos moldam e interagem com o ambiente. Nessa dinâmica, é essencial destacar os impactos ambientais resultantes da ação humana, uma vez que somos capazes de ameaçar ou destruir ecossistemas vitais. Além disso, como única espécie a abranger todos os ecossistemas terrestres, nossa capacidade de dominá-los por meio da tecnologia não pode ser subestimada (Ponting, 1995, p. 43). Esses elementos não devem ser ignorados ou esquecidos.

A "velha História" tradicionalmente delimita a temporalidade dos eventos com precisão, mas muitas vezes negligencia os aspectos naturais e a localização espacial dos discentes. A dinâmica tempo-espaço é crucial para uma compreensão abrangente, especialmente no ensino. Nas aulas de História do Brasil, por exemplo, é essencial não apenas situar os alunos no tempo (a partir de 1500 com a chegada dos portugueses ao Novo Mundo) mas também explicar o "onde" desses acontecimentos. Introduzindo a interdisciplinaridade, podemos superar as lacunas deixadas por uma abordagem histórica que se concentra apenas no tempo e no homem como objetos de estudo.

A Mata Atlântica, negligenciada nas aulas de História, impactou os europeus ao chegarem ao Novo Mundo, despertando fascínio nos colonizadores. Esse interesse levou à catalogação da fauna e flora, refletindo objetivos exploratórios e coloniais, evidenciados pela primeira árvore derrubada para construir uma cruz pelos portugueses. Devido à intensa exploração, resta apenas 5 a 12% da Mata Atlântica, principalmente em pequenos fragmentos florestais (Ferrão, 1992; Dean, 1996; Tonhasca Junior, 2005).



#### 4 CONCLUSÕES OU CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em conclusão, evidencia-se que a interligação entre a história humana e o meio ambiente é uma narrativa que se desdobra através do tempo. O entendimento de que as ações passadas ecoam no presente e se projetam para o futuro ressalta a urgência de ações sustentáveis. O texto enfatiza a responsabilidade compartilhada pelos indivíduos na preservação do meio ambiente e a necessidade de uma Educação Ambiental robusta.

A sustentabilidade emerge como pilar central na construção de uma sociedade consciente, sendo tema central nas discussões midiáticas e nas práticas de instituições públicas e privadas. A pesquisa científica assume papel crucial ao influenciar o interesse e a compreensão sobre a importância da preservação ambiental. A busca por uma sociedade justa e preocupada com o bem-estar coletivo é destacada como meta alcançável através da educação e da disseminação de valores sustentáveis. Portanto, insta-se a reflexão sobre as ações individuais e coletivas em prol da preservação ambiental, visando a um legado positivo para as futuras gerações.

#### REFERÊNCIAS

ALMEIDA, J. P. A História da Questão Ambiental (1945-2012). In: MUNHOZ, Sidnei J.; GONÇALVES, José H. Rollo. (Org.). **História Contemporânea V**. Maringá: Eduem, 2016, p. 103-118.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente; ISER. O que o brasileiro pensa do meio ambiente? **Pesquisa Nacional de Opinião**, out. 2001.

BRAUDEL, F. **O mediterrâneo e o Mundo Mediterrâneo na época de Felipe II**. Lisboa, Europa-América, 1949.

DEAN, W. **A ferro e fogo: a história da devastação da mata atlântica brasileira**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

DRUMMOND, J. A. A história ambiental: temas, fontes e linhas de pesquisa. In: **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, n. 8, p. 177-197, 1991.

FERRÃO, J. E. M. **A aventura das plantas e os descobrimentos portugueses**. 2.ed. Lisboa: Instituto de Investigação Científica Tropical; Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos portugueses; Fundação José Berardo, 1992.

FERRI, G. K. História Ambiental: uma historiografia comprometida com a vida. **Café História**, Rio de Janeiro (RJ), 05 abr. 2017.

LADURIE, E. Le R. **Le territoire de l'historien**. Paris, Gallimard, 1973.

PÁDUA, José Augusto. As bases teóricas da história ambiental. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 24, n. 68, 2010.

PONTING, Clive. **Uma história verde do mundo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.

SCHAMA, S. **Paisagem e memória**. São Paulo: Cia. das Letras, 1996.

SILVA, Elmo Rodrigues da; SCHRAMM, Fermin Roland. A questão ecológica: entre a ciência e a ideologia/ utopia de uma época. **Cad. Saúde Públ.**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 3, p. 355-382, jul.-set. 1997.

THOMÁS, K. **O homem e o mundo natural**. Mudanças de atitudes em relação às plantas e aos animais [1500-1800]. Tradução de João Roberto Martins Filho. São Paulo, Cia. das Letras, 1988.

TONHASCA JUNIOR, A. **Ecologia e história natural da Mata Atlântica**. Rio de Janeiro: Interciência, 2005.

WORSTER, Donald. Para fazer história ambiental. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 8, 1991, p. 198-215.